

A APCA e a Arquitetura

Candido Malta Campos¹

Há três décadas as premiações anuais da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes vêm distinguindo o que se faz de melhor no universo cultural de São Paulo. Hoje abarcando as áreas de Artes Visuais, Cinema, Dança, Literatura, Música Popular, Música Erudita, Rádio, Teatro, Teatro Infantil e Televisão, cada uma incluindo prêmios em várias categorias, congrega críticos atuantes nos mais conceituados veículos de comunicação e no campo da cultura em geral, cuja seleção já se tornou referência para o público - particularmente na área teatral que deu origem à associação, a qual posteriormente passou a reunir também críticos das demais áreas.

Contudo, há uma manifestação artística e uma categoria de críticos que ainda não foram incorporadas a essa premiação, resultando numa lacuna considerável: a área de arquitetura e urbanismo. Entendemos que tal ausência não se justifica em vista do significado e da importância assumidos pela produção arquitetônica e urbanística brasileira e paulista, que há muito tempo figuram entre as áreas mais criativas e entre as obras mais relevantes de nosso cenário artístico, tanto em âmbito nacional como local.

Não pode caber dúvida de que a arquitetura tem estatura de arte. Historicamente, desde que passaram a ser reconhecidos os valores da produção artística não literária, alçados a partir do Renascimento a componentes de uma nova estrutura de classificação e avaliação estética – as Belas Artes – a arquitetura foi considerada como integrante da tríade das artes maiores, a par da pintura e da escultura; e por todo o período em que imperou o sistema *Beaux-Arts*, gozou dos mesmos privilégios destas, inclusive no que se refere às premiações e concursos, elementos essenciais do arcabouço acadêmico no que se referia ao ensino e à profissão. O *Prix de Rome*, de máximo prestígio, dava a arquitetos, pintores e escultores a oportunidade de conviver nas instalações da academia francesa em Roma, gerando contatos que seriam cruciais para a história da arte.

A insurreição modernista, embora tenha contestado as bases dessa estrutura acadêmica nas artes, não significou uma perda de prestígio para a arquitetura. Ao contrário: entre as manifestações renovadoras de maior destaque, a arquitetura e o urbanismo modernos delinearão, entre tantas vanguardas efêmeras, um movimento cuja extensão, coerência e repercussão conformam uma das aventuras estéticas mais impactantes do século XX. A Bauhaus emblematizou uma revolução no ensino das artes na qual a arquitetura se aliava às artes plásticas e aplicadas em busca da formação do artista integral; as incursões de arquitetos como Le Corbusier na pintura, escultura, gravura mostram a onipresença desse diálogo. O MOMA – Museu de Arte Moderna de Nova York, paradigma das novas propostas estéticas e museológicas, interessou-se desde sua inepção pela arquitetura e pelo design, montando exposições memoráveis como a do *International Style* em 1932. Modernismo e arquitetura moderna tornavam-se sinônimos.

No Brasil não foi diferente; e em muitos sentidos a arquitetura moderna alcançou aqui relevância especial, por sua capacidade de incorporar referências nacionais e manejar arrojado construtivo com singular requinte estético e originalidade formal. Dessa maneira, entre nossas contribuições às artes no último século, tornou-se, depois da música popular, a manifestação artística em que a produção brasileira alcançou maior reconhecimento e presença relativa no panorama internacional.

¹ Arquiteto e urbanista, Doutor pela FAU/USP (1999), Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Recentemente esse interesse vem sendo renovado; mais uma vez o olhar estrangeiro privilegia a modernidade persistente da arquitetura brasileira, consagrada nos prêmios Pritzker conferidos a Oscar Niemeyer (1988) e Paulo Mendes da Rocha (2006), este último particularmente expressivo por representar um tributo à assim chamada “escola paulista”.

A identificação do papel crucial da arquitetura no projeto modernista foi uma constante, na medida em que este visava uma transformação radical nos quadros e modos de vida. Enquanto arte formadora do ambiente construído, a arquitetura e o urbanismo podiam ser vistos como elementos aglutinadores das demais manifestações estéticas, coordenando uma “síntese das artes” que abarcaria as artes plásticas, as artes aplicadas, o paisagismo, etc. – discussão que teve seu apogeu durante o Congresso Internacional Extraordinário de Críticos de Arte promovido em Brasília em 1959, com o tema “Cidade Nova, a Síntese das Artes”, reunindo os maiores expoentes da época na crítica de arte, de arquitetura e de urbanismo: Mário Pedrosa, Richard Neutra, o casal Saarinen, André Chastel, Giulio Carlo Argan, Meyer Shapiro, William Holford, José Augusto França, Bruno Zevi, Gillo Dorfles, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Mário Barata, Flávio de Aquino, Carlos Cavalcanti, Ferreira Gullar, Fayga Ostrower e Flexa Ribeiro, entre outros.

Em São Paulo, o contato entre arquitetos e demais artistas modernos (inclusive escritores, poetas e músicos) sempre foi intenso. Presente tanto na Semana de Arte Moderna de 1922 como na criação da Sociedade Pró-Arte Moderna dez anos mais tarde, a arquitetura também marcou presença, desde o início, no Museu de Arte Moderna de São Paulo e nas bienais. Com efeito, o MAM / SP contou em sua fundação com representantes de vários setores das artes e da cultura; seus estatutos iniciais previam comissões de arquitetura, cinema, escultura, folclore, fotografia, gráfica, música e pintura.

Da primeira Bienal, em 1951, realizada em estrutura provisória no Trianon desenhada pelos arquitetos Luís Saia e Eduardo Kneese de Mello, fez parte a primeira EIA - Exposição Internacional de Arquitetura, quando foram premiadas as obras de Le Corbusier e Pier Luigi Nervi e, entre os brasileiros, Lucio Costa, Henrique Mindlin, Rino Levi e equipe, Álvaro Vital Brazil, Oscar Niemeyer e Hélio Uchoa, Affonso Eduardo Reidy, Joaquim Cardoso, com menções honrosas para Oswaldo Bratke, Paulo Antunes Ribeiro, Jorge Ferreira e Ícaro de Castro Mello, e prêmios para estudantes que revelaram o nome de Carlos Millan.

Na II Bienal, entre 1953 e 1954, já no Ibirapuera, nos pavilhões dos Estados e das Nações projetados por Oscar Niemeyer, este último abrigou a segunda EIA. Contou com salas especiais dedicadas à arquitetura norte-americana (a cargo de Philip Johnson, pelo MOMA) e à obra de Walter Gropius, que recebeu o Prêmio São Paulo - saudado então como a mais importante láurea de arquitetura e urbanismo do mundo, e que nunca mais seria atribuído. No júri figuravam Le Corbusier, Max Bill, José Luis Sert, Warchavchik, Ernesto Rogers, Reidy... Inaugurou ainda os Concursos Internacionais para Escolas de Arquitetura. Premiados na ocasião também foram Philip Johnson, Craig Elwood, Jorge Moreira, Arne Jacobsen, Burle Marx e muitos outros. Paul Rudolph e Sergio Bernardes receberam as versões internacional e nacional do Prêmio Jovem Arquiteto.

Na III Bienal, em 1955, o pavilhão dos Estados abrigou a terceira EIA, cuja premiação se limitou ao Concurso Internacional para Escolas de Arquitetura, vencido pelas equipes de Waseda (Japão) e Havana. A quarta EIA, em 1957, já no Pavilhão das Indústrias, teve sala especial dedicada ao projeto de Brasília e reativou as premiações a arquitetos como Salvador Candia, Plínio Croce e Roberto Aflalo, Jorge Moreira e equipe; Carlos Raúl Villanueva e Alexander Calder; no júri, Marcel Breuer, Kenzo Tange, Philip Johnson, Jacob Ruchti...

Na Bienal de 1959, ao invés de uma exposição geral com premiações, a quinta Exposição Internacional de Arquitetura montou salas especiais sobre Henri Van de Velde, Gaudi, Victor Horta, Mies van der Rohe e Burle Marx. Na VI Bienal / VI EIA, em 1961, voltaram os prêmios de arquitetura sendo agraciados Paulo Mendes da Rocha e Eduardo De Gennaro, Jorge Moreira, Carlos Millan, Philip Johnson, Marcelo Fragelli, Felix Candela, Hélio Ribas Marinho e Marcos Konder, entre outros. Houve ainda premiação especial para arquitetura de teatros - no âmbito da III Bienal de Artes Plásticas do Teatro, seção promovida por Cicillo Matarazzo desde 1955 - conferida a Niemeyer e à equipe Oswaldo Correa Gonçalves, Abrahão Sanovicz e Julio Katinsky. Todavia, após 1961, com as dissensões no seio da Fundação Bienal e sua dissociação do MAM, não mais se viabilizaram as EIAs como parte das bienais de São Paulo.

A partir de 1995 bienais de arquitetura passaram a ser realizadas de maneira independente das bienais de artes plásticas, em anos alternados; sendo que a presença de componentes comerciais e técnicos não privou esses eventos de seu caráter de exposição de obras nacionais e internacionais de relevo, intervenções urbanas e múltiplas manifestações da criação arquitetônica - além de premiações, conferências e fóruns de debates com nomes expressivos da área. A 8ª Bienal de Arquitetura, prevista para novembro de 2009, deverá manter essa tônica.

Sempre constitui motivo para ampliar o espaço, ainda escasso, destinado pela mídia aos temas arquitetônicos e urbanísticos, carência imperdoável em face do quadro riquíssimo de projetos e realizações de qualidade que temos na área. Em anos recentes esse espaço vem sendo paulatinamente ampliado, com algumas colunas almejando regularidade, mas ainda encontra-se muito aquém do verificado em outros países, onde as seções, colunas, cadernos etc. dedicados por jornais e revistas à arquitetura e ao urbanismo são tão correntes quanto aqueles voltados às demais artes, espetáculos e temas culturais.

Reinvindicamos então que a APCA passe a congregar em seus quadros também críticos de arquitetura e urbanismo atuantes em São Paulo – elenco que conta com expoentes como Abilio Guerra, Aguinaldo Farias, Fernando Serapião, Guilherme Wisnik, Hugo Segawa, Marcio Mazza, Maria Isabel Villac, Marlene Millan Acayaba, Ruth Verde Zein e Sergio Teperman, entre outros. E, conseqüentemente, passe a incluir em suas premiações anuais troféus destinados a distinguir o melhor da produção arquitetônica paulista - evitando as categorias convencionais já contempladas pelos prêmios do IAB/SP, como Edifícios Comerciais, Institucionais, Residenciais, Residências Unifamiliares, etc. – com o fito de criar novas categorias, destinadas a salientar experiências inovadoras, pesquisas e obras realizadas em diversos meios, abrangendo a produção de universidades, cooperativas, organizações não-governamentais, grupos de profissionais independentes e outros, abarcando trabalhos consolidados e/ou de ponta, seja por parte de estreatantes, seja de autoria dos escritórios mais conhecidos.